

BREVE GENEALOGIA DOS ESTUDOS MIGRATÓRIOS

*Camila Escudero**

RESUMO

O objetivo deste artigo é elaborar uma breve genealogia dos estudos migratórios a fim de oferecer um panorama das preocupações e discussões que têm guiado os trabalhos científicos no terreno das migrações, em particular das chamadas “migrações internacionais”. Trata-se de uma modesta tentativa de desconstruir os estudos migratórios, a partir do maior número de perspectivas quanto possíveis utilizadas pelas Ciências Humanas e Sociais. A partir do método genealógico de Foucault, fizemos uso da técnica de pesquisa bibliográfica. Como principais resultados, apontamos para a necessidade de as Ciências Humanas e Sociais enxergarem de maneira transdisciplinar a imigração não como um ato ou um fenômeno externo à sociedade, mas como um processo constante de sua história – um movimento circular, espacial e temporal, simultaneamente –, considerando a alteridade como um princípio da relação humana.

Palavras-chave: Estudos migratórios; Genealogia; Ciências Humanas e Sociais; Migrações Internacionais.

1. INTRODUÇÃO

Abdelmalek Sayad, em sua obra clássica *A imigração* (1998, p. 15), afirma: todo itinerário do imigrante se dá, de certa forma, em um “itinerário epistemológico”, ou seja, no cruzamento de todos os campos das Ciências Humanas e Sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas – História, Geografia, Demografia, Economia, Direito, Sociologia, Psicologia, Antropolo-

* Universidade Metodista de São Paulo. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com período de pesquisa no Latin American and Latin Studies Program da University of Illinois at Chicago (UIC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, na linha de pesquisa Comunicação Comunitária, Territórios de Cidadania e Desenvolvimento social. Assistente de pesquisa no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) no projeto Mapa das OSCs. E-mail: camilaescudero@uol.com.br.

gia, Linguística etc. Ou conforme Herrera (2013), uma “fertilização cruzada”, sobre o que podemos ganhar ou aprofundar em termos de conhecimento a partir do momento em que consideramos a interdisciplinaridade do tema.

O entendimento dos processos sociais envolvidos nos fluxos de pessoas entre países, regiões e continentes passa pela compreensão de que, sob a rubrica *migração internacional*, estão envolvidas ocorrências distintas, com grupos sociais e implicações diversas, apreendidas pelas mais diversas áreas do conhecimento científico. Assim, propomos neste artigo, elaborar uma breve genealogia dos estudos migratórios a fim de oferecer um panorama das preocupações e discussões que têm guiado os trabalhos científicos no terreno das migrações, em particular das chamadas “migrações internacionais”.

Nossa modesta tentativa é desconstruir os estudos migratórios, a partir do maior número de perspectivas quanto possíveis utilizadas pelas Ciências Humanas e Sociais, inclusive a área da Comunicação¹. Isso incluiu revisar, descrever, compreender e interpretar algumas das teorias, metodologias, abordagens e disciplinas, aplicadas ao longo do tempo, sobre as múltiplas dimensões da temática migratória. Para reunir todo esse material, fizemos uso de pesquisa bibliográfica (STUMPF, 2011).

O vocábulo genealogia é composto pelas raízes gregas *gen* (geração) e *logos* (estudo), que, por si sós, já indicam o significado da palavra: o estudo das gerações. Comumente relacionado aos estudos de origens familiares – a chamada “árvore genealógica” –, pode ser aplicado também como método analítico e facilitador do conhecimento, proporcionando ferramentas para explicitação, desenvolvimento e contextualização de conceitos teóricos e fenômenos histórico-sociais.

É o que determina Foucault em seu método genealógico de investigar a história. Baseado em Nietzsche e sua obra *Genealogia da Moral*, escrita em 1887, o autor (1984) sugere, em sua chamada “genealogia do poder”, que o processo histórico é contínuo, porém, não linear. Ele não pode ser comparado a uma linha reta, pois compreende avanços e recuos, mudanças de rumos, idas e vindas. Portanto, não tem por fim reencontrar raízes identitárias, mas pretende fazer aparecer todas as discontinuidades que nos atravessam. A ideia é que, só a partir e em função desse diagnóstico, poderemos avançar na busca de respostas no campo migratório. “Sem combinar a História com

¹ Artigo anterior exclusivamente sobre a contribuição da área da Comunicação para os estudos migratórios foi publicado na *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación (ALAIIC)*, em 2017. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/416>. Acesso em: 3 mar. 2022.

a teoria, é provável que não consigamos entender nem o passado nem o presente” (BURKE, 2012, p. 38).

2. ESTADO DA ARTE

É consenso entre alguns pesquisadores do tema (PEIXOTO, 2004; GREENWOOD; HUNT, 2011; NASCIMENTO; OJIMA, 2013; KING, 2012), que os estudos migratórios tiveram início com o geógrafo e cartógrafo inglês de origem alemã Ernest Georg Ravenstein (1834-1913), no fim do século XIX. A obra do autor – intitulada *The laws of migration*, e publicada em 1885 e 1889² – inclui dois textos sobre as características acerca de fluxos migratórios internos (Grã-Bretanha) e internacionais (outros países da Europa e Estados Unidos).

As análises de Ravenstein já são frutos da Revolução Industrial (séculos XVIII e XIX) que, no caso dos processos migratórios, resultou na massiva transferência de população das áreas rurais para as urbanas dentro e fora das fronteiras (CASTLES; HASS; MILLER, 2014). Nota-se que, nesse contexto, o surgimento dos estudos migratórios se dá não como problema principal, mas secundário, como consequência do desenvolvimento do capitalismo em si. Isso envolve questões como: industrialização e urbanização, declínio das comunidades rurais, criação de culturas heterogêneas e cosmopolitas, mercado de trabalho e sobrevivência humana, entre outras.

Além disso, com relação ao desenvolvimento das Ciências Humanas e Sociais, esse ponto de partida dos estudos sobre imigração está situado em uma época caracterizada pela racionalidade científica, pelos modelos matemáticos, pela sistematização, pelo desenvolvimento e aplicação de conceitos etc. Soma-se a isso, a consolidação da Sociologia enquanto disciplina autônoma a partir das ideias de Marx (1818-1883), Weber (1864-1920) e Durkheim (1858-1917).

Assim, Peixoto (2004) – em artigo que propõe abordar as “teorias explicativas das migrações” – argumenta que a natureza aberta das fronteiras disciplinares da sociologia econômica convida, claramente, a uma relação com o tema migratório, ele próprio de desenvolvimento interdisciplinar. Segundo o autor, a partir da obra de Ravenstein, duas correntes específicas protagonizaram os estudos migratórios: a das teorias micro e macrosociológicas.

² RAVENSTEIN, E. G. The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society*, vol.48, part II, p.167-227, 1885. RAVENSTEIN, E. G. The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society*, vol.52, part II, p.241-301, 1889.

As teorias microssociológicas, resumidamente, podem ser entendidas como aquelas que apresentam uma raiz econômica, do mesmo modo como foram desenvolvidas as teorias neoclássicas, com privilégio analítico concedido ao papel do agente individual. Compreendem modelos *Push-Pull*, da teoria do capital humano e do ciclo de vida e trajetória social (PEIXOTO, 2004). Ao também considerá-las, King (2012, p. 14 – Tradução nossa) esclarece que, no nível micro, “a migração é o resultado de decisões tomadas por atores racionais e individuais que pesam os prós e os contras de se mover ou permanecer em um lugar, com base em informações sobre as opções”.

Já como teorias macrossociológicas podemos entender aquelas que privilegiam a ação de fatores de tipo coletivo, ou estruturante, que condicionam, sob formas diversas, as decisões migratórias dos agentes sociais. Aqui, “a migração resulta da distribuição espacial desigual do trabalho face a outros fatores de produção, sobretudo de capital” (KING, 2012, p. 13 – Tradução nossa). Dentro das teorias macrossociológicas, Peixoto (2004) destaca três como fundamentais para os estudos migratórios: mercado de trabalho segmentado e economia informal, estruturas espaciais, sistemas-mundo e sistemas migratórios e instituições, redes migratórias, laços étnicos e sociais.

Seguindo a mesma linha, ao propor uma análise do desenvolvimento dos estudos migratórios ao longo do tempo, Salim (1992) considera, a partir de uma perspectiva genealógica, três troncos teóricos nos quais pode ser enquadrada a maior parte da produção teórica e empírica sobre as migrações: concepção neoclássica, histórico-estrutural e mobilidade e força de trabalho.

Já Castles, Haas e Miller (2014) recorrem à noção de paradigma para avaliar as teorias utilizadas ao longo dos séculos XIX e XX nos estudos migratórios. Segundo os autores, os trabalhos podem ser agrupados em dois principais paradigmas: Funcionalista (neoclássicos) e Histórico-Estrutural (teoria da globalização, do mercado de trabalho segmentado).

Para O’Reilly (2012), desde o século XIX, os estudos migratórios têm sido teorizados a partir de uma série de perspectivas e conceitos, alguns até desenvolvidos especificamente (o que é chamado pela pesquisadora de “*substantive theories*”) e outros mais gerais, aplicáveis em outros processos sociais. Dessa maneira, é possível identificar três correntes principais para seu estudo: teorias econômicas, sistemas migratórios e redes e teorias da globalização.

A mesma autora (2012, p. 3 – Tradução nossa) também lista algumas das disciplinas dentro das Ciências Humanas e Sociais que têm dado atenção à temática da imigração e contribuído para as pesquisas e desenvolvimento dos estudos migratórios.

- áreas geográficas, tendências históricas, questões de segurança, minorias e política;
- globalização, desenvolvimento, migração irregular, refugiados e migrantes na sociedade;
- cidadania, exclusão social, divisão do trabalho e cosmopolitismo;
- demografia, assimilação, redes e identidades, local, política e leis;
- etnia e nacionalismo;
- empreendedorismo, incorporação e assimilação; e
- experiências associativas, cultura, política e efeitos da migração.

Outros pesquisadores que também propõem uma distribuição da temática migratória por disciplina são Brettell e Hollifield (2015). Em artigo conjunto, os autores nos fornecem um quadro para se pensar como as áreas vêm tratando as pesquisas e análises, numa abordagem eclética e ampla, com ênfase no positivismo (hipotético-dedutivo) e na interpretação (indutiva-idiográfica).

Teorias migratórias entre as disciplinas		
Campo	Principal Foco	Modelo de problema de pesquisa
História	Dividido entre as Ciências Sociais e Humanas, as pesquisas do campo privilegiam o tempo, a temporalidade do processo.	Como os processos migratórios e suas relações têm mudado e persistido ao longo do tempo?
Antropologia	Tendem a focar um contexto específico por meio dos estudos etnográficos e utilizar as teorias idiográficas. Nos últimos tempos, tem-se notado preocupação com comparações entre culturas a fim de fazer possíveis generalizações ao longo do espaço e do tempo e, conseqüentemente, contribuir para a construção da “ <i>Nomothetic Theory</i> ” ³ .	Como os processos migratórios mudam e afetam a identidade cultural de seus envolvidos?

³ De acordo com Salzman (2001), os estudos orientados pelas chamadas *nomothetic theories* contêm formulações gerais sobre classes de fatos ou fenômenos o que, em princípio, inclui todos os casos específicos e individuais que se enquadram nessa categoria. Em outras palavras, visam teorias universais, cada uma das quais afirma uma verdade geral sobre classes de coisas claramente definidas, como a de caçadores nômades que vivem em grupos igualitários ou de camponeses que nunca têm uma liderança forte, institucionalizada. “A explicação foca, portanto, características compartilhadas por todos os casos individuais (por exemplo, grupos, sociedades, culturas), nos casos previstos (por exemplo, caçadores

Geografia	As pesquisas se voltam principalmente para o espaço e suas relações com os padrões de trabalho, habitação, formação e desenvolvimento de enclaves étnicos.	O que explica os padrões socio-espaciais dos processos migratórios?
Sociologia	Baseado nos autores clássicos da Teoria Social (Max, Weber e Durkheim), os estudos enfatizam a centralidade das relações sociais para entender os processos migratórios, bem como a relação imigrante-sociedade.	Por que os processos migratórios ocorrem e como ocorrem?
Demografia	Priorizam a natureza da mudança populacional. Os dados agregados nas pesquisas do campo documentam os padrões e as direções dos fluxos migratórios e das características dos imigrantes (idade, sexo, profissão etc.).	Em que medida o imigrante e as populações nativas e receptoras se tornam mais similares ao longo do tempo?
Economia	Tendem a enfatizar os processos migratórios em termos de escassez e escolhas recorrendo, em sua maioria, a modelos relacionados às teorias racionalistas do comportamento humano. Costuma explorar o que o imigrante adiciona às sociedades de origem e recepção (em termos de capital e custo-benefício).	O que explica a propensão para se migrar e quais são seus efeitos?
Relações internacionais	Costumam privilegiar três temas: o papel do estado-nação no controle dos fluxos migratórios e fronteiras; o impacto da imigração no campo da soberania e da cidadania, bem como questões da política para estrangeiros e segurança nacional; e aspectos relacionados à integração do imigrante em relação ao comportamento, normas e questões jurídicas do território anfitrião.	Por que os estados têm dificuldade em controlar os processos migratórios?

Fonte: Adaptação e tradução da tabela “Migration Theories across disciplines”, elaborada por Brettell e Hollifield (2015, p. 04).

e camponeses)” (SALZMAN, 2001, p.11 – Tradução nossa). As nomothetic theories contrastam com as denominadas idiographic theories, que focam estudos sobre casos únicos e particulares, tais como culturas específicas, comunidades, grupos, sequências de desenvolvimento e padrões de contato.

Outras disciplinas não contempladas pelos autores acima, mas, responsáveis por parte da produção teórica sobre os estudos migratórios são: Comunicação, Psicologia, Educação, Linguística, Administração, Direito, Serviço Social, Estudos das Arte etc. Dessa maneira, elaboramos o seguinte quadro, complementar ao descrito acima.

Teorias migratórias entre as disciplinas		
Campo	Principal Foco	Modelo de problema de pesquisa
Comunicação	Estudo de discursos midiáticos (códigos de montagem, de percepção e reconhecimento), características e consumo dos meios de comunicação, estruturas de produção e propriedades dos dispositivos são alguns dos tópicos das pesquisas do campo que privilegiam ainda o fenômeno comunicacional enquanto práticas e relações sociais. Abrange ainda a acepção vinculativa psicossocial da Comunicação, como o interacionismo simbólico que integra a Sociologia (Escola de Chicago), Antropologia e é apropriado pela Comunicação enquanto relação social e interpessoal.	Como ocorrem os processos migratórios em um quadro civilizacional e organizacional marcado, entre outros fatores, pela atuação dos meios de comunicação de massa e pelo uso das TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação)?
Psicologia	Os estudos têm por objetivo explicar como o ser humano pode conhecer e interpretar a si mesmo e como pode interpretar e conhecer o mundo em que vive, numa perspectiva comportamental. Abrangem ainda uma abordagem psicanalítica importante: exílio, perda dos laços com os familiares, dificuldades em se construir identidades.	Como o imigrante se reconhece e se relaciona com o mundo em que vive a partir de sua interpretação de si mesmo e da realidade?

Educação	As pesquisas visam estruturar de modo consciente o processo educacional a fim de gerar oportunidades de mudanças, ações, condutas e integração.	O que os imigrantes são capazes de fazer após passar por um processo educacional? Quais as estruturas particulares desse processo?
Linguística	Estuda a linguagem verbal humana a partir das perspectivas: descritiva (sincrônica), histórica (diacrônica), teórica, aplicada e geral.	Quais são e como ocorrem as particularidades da linguagem verbal em processos migratórios?
Direito	Aborda o conjunto de regras dotadas de sanções que regem as relações dos homens em sociedade e constroem a cidadania.	Quais são os parâmetros para o estabelecimento de uma lei migratória?
Administração	Compreende o estudo e sistematização das práticas administrativas	Quais são e como ocorrem as particularidades das práticas administrativas envolvendo processos migratórios?
Serviço Social	Os estudos têm como foco a análise das intervenções particulares e institucionais de caráter socio-político e crítico nas diversas refrações da questão social, especialmente em contextos de desigualdades, minorias e vulnerabilidades.	Como se dá o desenvolvimento de intervenções sociais comunitárias visando o bem-estar do imigrante?
Artes	Muito além das práticas artísticas e culturais no seu sentido de produção, reprodução, distribuição e percepção, estuda a relação de tais manifestações como caminho de indução à criatividade, pensamento crítico e sensibilidade.	Quais são as práticas culturais e artísticas dos imigrantes? Como o deslocamento influencia na criatividade e sensibilidade artística?

3. NOVOS OLHARES

O início do século XX marca uma virada nos estudos migratórios. A observação, análise e consequências da realidade decorrente da crescente mobilidade populacional da Europa, em crise e em guerras, para os países da América (o Novo Mundo), particularmente os Estados Unidos, fizeram com que os cientistas sociais passassem a tratar da imigração como uma questão principal em seus estudos. Assim, os processos migratórios deixam de aparecer como uma preocupação secundária, relacionada a outras ocorrências

econômicas e sociais – especialmente, como consequência do desenvolvimento do capitalismo (industrialização, urbanização, mobilidade populacional etc.) –, e ganham papel de protagonista.

Uma das bases iniciais para essa nova perspectiva são as ideias de Simmel, fundador da chamada sociologia urbana. Em sua obra intitulada *Soziologie – Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung* (*Sociologia – Estudos sobre as formas de associação*), publicada em 1908, o autor apresenta o texto *O Estrangeiro*, no qual discute a situação do imigrante (nomeado “estrangeiro”), não mais como “aquele que vem hoje e amanhã se vai, mas como o que vem hoje e amanhã pode permanecer”, ou seja, uma figura social distante que se torna próxima.

Outra base para essa mudança de posicionamento dos estudos migratórios (de secundário para principal) reside também no “outro estrangeiro”, o de Schütz. Em um artigo publicado originalmente em 1955, o autor define estrangeiro como o indivíduo adulto do nosso tempo e civilização que tenta ser permanentemente aceito ou, ao menos, tolerado pelo grupo ao qual ele se aproxima. Aqui, o foco da análise é o que o autor classifica de “típica situação”, aquela em que um estrangeiro se encontra no seu esforço de interpretar o padrão cultural de um grupo social ao qual se aproxima e para orientar-se dentro dele. Trata-se de uma situação de aproximação que precede todo possível ajustamento social e que, somente após, tendo reunido um determinado conhecimento da função interpretativa do novo padrão cultural, o estrangeiro pode começar a adotá-lo como esquema de sua própria expressão.

Assim, nos Estados Unidos, de acordo com Assis e Sasaki (2000, p. 4), o estudo pioneiro dentro dessa nova abordagem é a obra de Thomas e Znaniecki (de 1918). Intitulada *The Polish Peasant in Europe and America*, a pesquisa mostra como o processo de migração pode explicar laços de solidariedade e familiaridade ao tratar um objeto específico: os cerca de dois milhões de poloneses que migraram para a América entre 1880 e 1910. No entanto, foi com a Escola de Chicago – fortemente estruturada nas ideias de Simmel e responsável por desenvolver os trabalhos de Thomas e Znaniecki – que nasceu a chamada sociologia da migração clássica.

Ao transformar o tema da imigração em um problema sociológico, a Escola de Chicago (1910-1940) mostrou também como disciplinas poderiam vir em conjunto, utilizando abordagens epistemológicas semelhantes na compreensão das particularidades dos deslocamentos (BORKET et al., 2006). Além disso deu origem à perspectiva transnacional, resumidamente aqui, que

se utiliza de recursos simbólicos para dar conta de todo o movimento, que envolve, simultaneamente, fluxos espaciais e temporais, situações de rupturas e circulares, condições físicas e subjetivas.

O foco das análises dessa corrente estava nos processos de adaptação, aculturação e assimilação dos grupos imigrantes dentro da sociedade dos Estados Unidos. Nesse sentido, um dos principais nomes é Robert Park, com seus trabalhos: *A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no ambiente urbano* (1915), no qual apresenta pela primeira vez o termo “ecologia urbana”; *Race prejudice and Japanese-American relations* (1917), que relaciona a figura do imigrante ao tema do racismo e preconceito; *The Immigrant Press and its control* (1922), livro no qual discute o surgimento e a influência da imprensa imigrante e produção cultural estrangeira no país receptor; e *Human migration and the marginal man* (1928), no qual coloca o estrangeiro como um marginal, um excluído socialmente.

Anos mais tarde, um novo recurso analítico passou a ser frequentemente adotado nos estudos dos processos migratórios e, até hoje, tem dado fôlego às investigações da área: são os conceitos de capital cultural e espaço social, de Bourdieu (1983, 1986a, 1986b e 1989). Formalizado inicialmente pelo autor em colaboração com Passeron, na obra *Les héritiers*, publicada em 1964 (CUNHA, 2007, p. 503), a expressão capital cultural pode ser vista, aqui, resumidamente, como uma ferramenta utilizada para analisar situações de classe na sociedade – de certa forma serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe. É tido como um recurso de poder que equivale e se destaca, especialmente, por ter como referência os recursos econômicos (BOURDIEU, 1986a). Daí o termo capital associado ao termo cultura. Já espaço social é retratado por Bourdieu (1983, 1986b e 1989) como um campo de lutas no qual os atores (indivíduos e grupos) elaboram estratégias que permitem manter ou melhorar sua posição social, a partir (e também) do capital cultural.

O conceito de espaço social de Bourdieu inspirou o sociólogo Sayad – na nossa opinião, um dos maiores estudiosos da questão migratória na contemporaneidade –, a construir o conceito de “espaço nostálgico”, hoje, muito difundido. Sayad (1998, 2010) indica que, no processo migratório, é muito pertinente refletir sobre o conceito de espaço, uma vez que o “espaço social” está no centro do debate porque promete precisar o local social que os imigrantes ocupam em suas sociedades, marcando a diferença entre esses territórios sociais constituídos pelo processo migratório e a sociedade estru-

tamente delimitada pelas fronteiras do Estado-nação. Para Sayad, emigrar e imigrar é, antes de tudo, mudar de espaço, de território. “Mudando de espaço e se deslocando no espaço, aprendemos que ele é, por definição, um espaço nostálgico um lugar aberto a todas as nostalgias, carregado de afetividade” (SAYAD, 2010, p. 17 – Tradução nossa).

Por fim, mas não menos importante, destacamos também os Estudos Culturais, que trouxeram novas visões aos trabalhos sobre imigração. Surgido em 1964, o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, da Universidade de Birmingham, tinha como objetivo principal estudar a relação entre a sociedade e as mudanças sociais, observando formas, atividades práticas, instituições culturais e suas relações com a sociedade e a transformação da cultura.

Tradicionalmente, entendida pelos marxistas como algo pertencente ao campo das ideias, a cultura passa a ser vista como não dependente das relações econômicas, mas fruto das relações políticas e econômicas e recriada a todo momento (reflexo das relações de produção e da estrutura econômica). Trata-se de uma contribuição teórica e metodológica que resultou em uma transformação radical do conceito de cultura, uma vez que esta passou a englobar significados e práticas concretos e efetivos por intermédio das quais os valores se manifestam. Destacamos como principais autores desse paradigma: Raymond Williams (1921-1988), Richard Hoggart (1918-2014) e Edward Thompson (1923-1993).

Talvez por sua característica interdisciplinar ou por abrir os espaços acadêmicos para as práticas cotidianas – os Estudos Culturais permitiram a articulação da pesquisa universitária com várias formas de experiência contemporâneas que, de outra maneira, continuariam fora dos circuitos legítimos de produção intelectual (MARTINO, 2009) – as culturas vinculadas (produzidas e consumidas) pelos grupos de imigrantes ganharam espaço para serem pensadas não apenas como “cultura” em um sentido clássico, mas como elemento de constituição da própria identidade desses grupos.

Entre os autores dessa corrente, o grande destaque no campo migratório, sem dúvida, é Stuart Hall (1932-2014). Alguns de seus mais recentes trabalhos que tratam diretamente da temática migratória são: *Cultural identity and diaspora* (1990), *Ethnicity, identity and difference* (1991), *The local and the global: globalization and ethnicity* (1991), *The question of cultural identity* (1992) e *Negotiating Caribbean identities* (1995).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crescente importância das migrações internacionais no contexto da globalização econômica e cultural atual tem sido objeto de um número expressivo de contribuições, de caráter teórico e empírico, que atestam para sua diversidade, seus significados e suas implicações. Em nossa singela proposta de tentar “desconstruir” os estudos migratórios para “construir” uma breve genealogia e traçar perspectivas do campo, procuramos fazer uso de revisão, descrição e interpretação de algumas das teorias, metodologias, abordagens e disciplinas das Ciências Humanas e Sociais, aplicadas ao longo do tempo.

Muito mais que atingir esse objetivo, porém, o trabalho nos chamou a atenção para a importância da transdisciplinaridade⁴ da compreensão dos processos de deslocamento, que parece se configurar como a possibilidade concreta para o alargamento da compreensão do real, como renascimento do espírito e de uma nova consciência para lidar com os perigos e os horrores como xenofobismo, terrorismo, exclusão social, entre outras tristes realidades envolvendo os sujeitos deslocados.

Isso porque todas as áreas mostraram contribuições fundamentais para o desenvolvimento dos estudos migratórios ao longo do tempo e para que o percurso do campo tomasse a direção da transdisciplinaridade, como verificado. Essa nova direção nos dá fôlego para acreditar na superação da divisão dos processos migratórios em categorias analíticas, disciplinas únicas e aspectos metodológicos fechados à medida em que deixamos de enfatizar as diferenças entre os campos de conhecimento e isolamos os traços culturais (muitas vezes estereótipos elaborados desde o exterior) envolvidos nos ricos e complexos processos migratórios internacionais.

Na prática, algumas propostas vêm surgindo nesse sentido. Destacamos aqui, duas delas. A primeira é a de O'Reilly (2012), que idealiza uma “meta-teoria” para o campo das migrações. Segundo a autora, trata-se de uma teoria que enquadra a utilização de diversas teorias, abordagens, perspectivas, métodos, categorias analíticas etc. Não é uma “teoria da imigração integrada”, mas sim um quadro formado pela ampliação da Teoria Social com o objetivo principal de entender que a compreensão social dos processos migratórios envolve a constituição da vida social.

⁴ Entendemos a transdisciplinaridade, como propõe Nicolescu (1999), no movimento que se estabelece “entre”, “através” e para “além” das disciplinas cuja dinâmica consolida-se na “coerência”, na “legitimidade” e na “articulação” de saberes que desdobram um complexo exercício mental.

A segunda proposta é elaborada por Brettell e Hollifield (2015). Ao apontar claras divergências entre as áreas e o modo como cada uma formula suas questões, suas unidades de análise e seus métodos de pesquisa, os autores propõem a construção de “pontes” entre os campos do conhecimento como a melhor maneira de se desenvolver projetos de pesquisas migratórias, a partir de uma série de questões comuns a todos, porém, levando em conta os interesses particulares de cada um.

Tanto as ideias de O’Reilly (2012) como de Brettell e Hollifield (2015) revelam abordagens que propõem, cada uma com suas particularidades, uma definição alternativa para unidades de análises gerais estabelecidas com a finalidade de pensar sobre a temática migratória e preservar a heterogeneidade e complexidade dos processos migratórios. No entanto, devemos sempre nos perguntar: é possível, desejável ou viável ter uma “meta-teoria” ou “pontes”? Ou sendo a imigração tema e objeto não seria mais pertinente trabalhar com a fragmentação?

Um primeiro passo no intuito de achar respostas para as indagações acima pode estar na ideia de classificar a imigração não como um ato ou um fenômeno, mas como um processo, um mecanismo de ajuste social aleatório, que tem lugar por uma coincidência de fatores no tempo, e que ganha notoriedade não só pela intensificação dos deslocamentos, mas também por suas particularidades.

Um segundo passo, acreditamos, reside na alteridade. Por alteridade, utilizamos o conceito de Lévinas (2009), para quem, a alteridade deve ser um princípio da relação humana. O autor enfatiza o quanto é necessário, na contemporaneidade, a responsabilidade do sujeito na revalorização do sentido ético do humano e do respeito às diferenças para o reconhecimento do “Outro” e defende a possibilidade de existência de uma sociedade plural, fraterna e pacífica. “O Eu (*Moi*) diante do Outro é infinitamente responsável” (LÉVINAS, 2009, p. 53).

Por fim, um terceiro passo na busca por respostas plausíveis reside no fato de considerar que o campo de estudo migratório não está delimitado nacionalmente, que migração não é apenas deslocamento e que não significa, necessariamente, rupturas – trata-se de um movimento circular, espacial e temporal, simultaneamente, no qual as distâncias geográficas não significam, necessariamente, distâncias afetivas. Além disso, processos migratórios não podem ser vistos como anomalias, ou algo externo à sociedade – na verdade, eles são uma constante na história.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, G; SASAKI, E. M. “Teoria das migrações internacionais”. XII Encontro Nacional da ABEP. **Anais...** Caxambu: 2000. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt16_2.pdf. Acesso em: 8 jan. 2016.
- BORKET, M. *et al.* “Introduction: Understanding Migration Research (Across National and Academic Boundaries) in Europe”. *Forum: Qualitative Social Research*, vol. 7, n. 3, maio 2006. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/132/281>. Acesso em: 8 jan. 2016.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, P. *The Forms of Capital*. In: RICHARDSON, J.G. (Ed.). *Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education*. New York: Greenwoodpress, 1986a. p. 241-259.
- BOURDIEU, P. “Espaço Social e Poder Simbólico”. Tradução (texto em francês) da conferência pronunciada na Universidade de San Diego, em março de 1986b. Disponível em: <https://bibliotecadafilo.files.wordpress.com/2013/10/23-bourdieu-espaco-social-e-poder-simbolico.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2016.
- BRETTEL, C. B.; HOLLIFIELD, J. F. (Eds.). **Migration Theory – Talking Across Disciplines**. New York, London: Routledge, 2015.
- BURKE, P. **História e teoria social**. São Paulo: Unesp, 2012.
- CASTLES, S.; HAAS, H. de; MILLER, M. J. **The age of migration: International Population Movements in the Modern World**. New York, London: The Guilford Press, 2014.
- CUNHA, M. A. de A. “O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica”. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 503-524, 2007.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- GREENWOOD, M. J.; HUNT, G. L. “The Early History of Migration Research Revisited”. In: VARGAS-SILVA, C. (Ed.). **Handbook of Research Methods in Migration**. Cheltenham, U.K.: Edward Elgar Publishing Limited, 2011.
- HERRERA, G. “Gender and International Migration: Contributions and Cross fertilizations”. *Annual Review of Sociology*, vol. 39, p. 471-489, 2013.
- KING, R. **Theories and typologies of migration: an overview and a primer**. Sweden: Service Point Holmbergs, 2012.
- LÉVINAS, E. **O humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MARTINO, L. M. S. “A dissolução dos Estudos Culturais: consenso genealógico e indefinição epistemológica”. XIX Encontro da Compós. Anais... Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2009. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt7_luis_mauro_sa_martino.pdf. Acesso em: 7 jan.2016.
- NASCIMENTO, T. C. L. OJIMA, R. “Reflexões teóricas sobre as abordagens dos estudos migratórios no período recente: Uma análise das relações de produção à totalidade”. XXIX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. **Anais...** 2013. Disponível em: <http://actacientifica.servicioit.cl/>. Acesso em: 5 jan.2016.
- NICOLESU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Trion, 1999.
- O'REILLY, K. **International Migration and Social Theory**. Hampshire, New York: Palgrave Macmillan, 2012.

PACÍFICO, A. M. K. P. **O capital social dos refugiados: bagagem cultural versus políticas públicas.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2008.

PEIXOTO, J. **As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas.** Lisboa: SOCIUS, 2004.

SALIM, C. A. “Migração: o fato e a controvérsia teórica”. VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. **Anais...** vol. 3, p.119-144. São Paulo: ABEP/Unicamp, 1992. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/1992/T92V03A07.pdf>. Acesso em: 7 jan.2016.

SALZMAN, P. C. **Understanding culture – An introduction to Anthropological theory.** Long Grove: Waveland Press, 2001.

SAYAD, A. **A imigração.** São Paulo: Edusp, 1998.

SCHÜTZ, A. “O Estrangeiro – Um ensaio em Psicologia Social”. *Revista Espaço Acadêmico*, ano X, n.113, p.117-129, 2010. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/11345/6153>. Acesso em: 11 ago.2016.

SIMMEL, G. “O Estrangeiro”. *RBSSE*, vol. 4, n.12, dezembro 2005.

STUMPF, I. R. C. “Pesquisa bibliográfica”. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2011. p. 51-61.